



A PESTE, O CORPO E O ISOLAMENTO EM “O BAILE DA MORTE VERMELHA”: sentidos de/sobre a pandemia e a loucura em Edgar Allan Poe

Ana Clarelise da Silva Barroso¹, Fernanda Surubi Fernandes²

¹ Graduação em Licenciatura em Letras-Português/Inglês. Estudante (IC) *. Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Unidade Universitária de Iporá. E-mail: anaclaramtv23@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Pesquisador (PQ).

Unidade Universitária de Iporá. Iporá-GO

Resumo: Este estudo visa compreender o discurso e corpo, com relação ao horror e a mortalidade na obra analisada “O baile da morte vermelha”, possibilitando refletir sobre o isolamento e os efeitos da pandemia, constituídos na narrativa. A pesquisa fundamenta-se com base nos estudos teóricos de linha francesa Análise de Discurso ampliada por Eni P. Orlandi (2007). Ao analisarmos a obra, tal estudo propiciou um olhar perante a loucura e o pavor da Morte Vermelha, o isolamento social de uma classe, como também, a mortalidade de uma vasta população perante uma doença avassaladora. Notamos os processos metafóricos e metonímicos na constituição do corpo do monstro/morte, representada na condição significativa de morte, tendo poder sobre todos, pondo um fim na humanidade. Assim, a Morte Vermelha é descrita como um ser horrífico, que é ao mesmo tempo in/tagível, pois espalha-se atingindo todos sem segregação social.

Palavras-chave: Discurso. Horror. Mortalidade. Metáfora.

Introdução

O presente estudo teve como objetivo analisar os processos metafóricos e metonímicos da obra horrífica e da literatura de língua inglesa: “O baile da Morte Vermelha”, relacionando corpo e discurso; para isso, adentramos nas leituras sobre a literatura e o horror, medo e loucura; como também buscamos compreender os conceitos teóricos da Análise de Discurso, como discurso, condições de produção e corpo; para assim selecionar sequências discursivas, observando as regularidades sobre a peste e o isolamento em “O baile da Morte Vermelha”.

Material e Métodos

O plano de trabalho foi desenvolvido através de leituras e pesquisa bibliográfica sobre o corpo e sua relação com a mortalidade e o medo presente na literatura de língua





inglesa. Também realizamos leituras sobre língua/linguagem e discurso, para depois analisarmos o conto “O baile da Morte Vermelha” de Edgar Allan Poe (2017), observando as regularidades sobre o corpo/imagem da morte/monstro que (re) significa os sentidos. Desse modo, baseamos na autora da teoria do discurso com base em Orlandi (2007). O objeto de estudo da Análise de Discurso (doravante AD) é o discurso, definido como “[...] efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2007, p. 21), por certo esse efeito de sentido não é determinado pelo sujeito que diz, mas sim pelo efeito de sentido que ocorre na relação com o outro. Fizemos leituras sobre a noção de corpo conforme Ferreira (2013); sobre o corpo de monstro: Courtine (2011), Cohen (2000); e sobre o horror e sobrenatural em Lovecraft (1987).

Depois, com base nas leituras e discussões, fizemos a análise do conto: “O baile da Morte Vermelha”, observando como o corpo da morte é constituído na narrativa de Poe.

Resultados e Discussão

O conto “O baile da Morte Vermelha”, de Edgar Allan Poe, conta uma história de horror em que a população foi atacada por uma doença, uma praga. O príncipe Próspero decidiu isolar-se em seu castelo na presença alguns nobres e amigos.

Nesse contexto, observamos como a peste provoca o isolamento social e a loucura, a partir dos sentidos de mortalidade projetados na imagem da morte vermelha, pois ao analisarmos o conto de Poe, compreendemos como a peste é descrita e como seus efeitos reverberam em seus personagens. Destacamos algumas sequências discursivas sobre a Morte vermelha e seus efeitos.

Sequência discursiva 01:

A “Morte Vermelha” havia muito devastava o país. Nenhuma praga jamais fora tão fatal ou horrenda. Ela se manifestava pelo sangue, e este era sua marca – o vermelho e o terror do sangue. (POE, 2006, p. 03).

Na sequência 01, observamos a descrição da devastação da peste. Seu nome é chamativo, pois remete à morte materializada na evidência, é uma peste que leva à morte a quem afligir, e vermelha pois remete ao sangue. Sangue nesse caso, ao invés de significar vida, simboliza a morte, a forma da morte. Comparada a uma “praga”





rememora em seu modo de dizer sentidos sobre as pragas do Egito, sendo, portanto, atravessada pela formação discursiva religiosa, que produz como efeito de apresentar a peste fosse um castigo divino.

Sequência discursiva 02:

Vinham dores agudas, tontura repentina e sangramento abundante pelos poros, seguido de liquefação do organismo. As manchas escarlates no corpo e, principalmente, no rosto eram a maldição que isolava a vítima da ajuda e da compaixão de seus semelhantes. Em geral, a contaminação, o progresso da doença e a morte ocorriam em meia hora. (POE, 2006, p. 03).

Na sequência 02, a narrativa retrata a praga trazendo à tona a maneira como os sintomas e as sensações de insuficiência eram gravemente causadas nas pessoas, após serem tocados pela Morte Escarlata. Observamos também os processos metafóricos e metonímicos do/sobre o corpo do monstro/da morte. Segundo Radde (2020):

Na concepção discursiva, a metáfora funciona como condição para que o sentido seja produzido enquanto efeito, no discurso. [...]. Desse modo, a articulação da linguagem no jogo discursivo só é possível pelo funcionamento da metonímia, a qual permite ao sujeito dizer uma parte representativa de um todo no processo de significação. E essa concepção se torna possível pela relação constitutiva entre a língua, o inconsciente e a ideologia. (RADDE, 2020, p. 215).

Poe (2006) descreve a presença tangível da estranha figura notada pela multidão durante a festa:

Sequência discursiva 03:

A figura, alta e magra, estava envolta dos pés à cabeça em uma mortalha. A máscara que escondia o rosto era tão perfeita na imitação das feições de um cadáver que uma análise cuidadosa teria dificuldade para perceber a ilusão. (POE, 2006, p. 15).

Na sequência 03, podemos considerar que a figura surpreendeu os convidados ensandecidos, com o mau gosto de sua fantasia. Assim, vemos que o corpo da morte/monstro é envolto em mistério, como a própria morte, que apesar de ser uma certeza que a morte chega a todos, não se sabe se há uma continuidade, ou seja, ela é ao mesmo tempo uma certeza e um mistério. A “ilusão” está em se negar que se trata da própria morte?

Sequência discursiva 04:





Mas o mascarado tinha ido ao limite de simbolizar a Morte Vermelha. Suas vestes estavam manchadas de sangue – e sua fronte larga, assim como a face, borrifada com horror escarlate. (POE, 2006, p. 15).

Na sequência 04, notamos que o vermelho de sangue é uma característica peculiar referente à Morte Vermelha, simbolizada no próprio corpo, em sua face exposta a todos, projetado pelos processos metonímicos e metafóricos do corpo, corpo que comparamos ao corpo monstruoso, representando a morte, provocando aversão e medo, pois,

[...] os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção. (COHEN, 2000, p. 30).

Cohen (2000) considera que o monstro existe apenas para ser lido, é uma projeção. Ele tem significado distinto dele mesmo, e sempre se desloca. Pode-se constatar que o monstro em si, é imaterial e some, a fim de ressurgir noutra lugar.

Logo após mortes e sofrimentos causados pela Morte Vermelha, os convivas são obrigados a enfrentá-la, porém são surpreendidos por ela. O impacto final da trama acontece quando a Morte se torna personagem materializada no espectro de cuja presença todos fugiam, representada pelo seu corpo, ou melhor, pela falta de corpo, pois suas vestes “[...] não estavam ocupadas por nenhuma forma tangível. E assim foi percebida a presença da Morte Vermelha.” (POE, 2006, p. 18).

Considerações Finais

Pesquisar sobre o discurso e corpo na relação com o horror permitiu levantar reflexões sobre a condição humana, na relação com o medo, horror e sobrenatural, como também sobre a mortalidade; também propiciou refletir sobre a pandemia e o isolamento social a partir da literatura. Não tem como pensar, no momento contemporâneo que vivenciamos, em como a questão da mortalidade é colocada de lado, tentando ser silenciada, mas os números, as notícias, as vítimas que conhecemos produzem efeitos e fazem-nos refletir sobre a condição da mortalidade e do próprio medo da morte.





Nessa direção, este estudo se propôs a ampliar os estudos sobre a língua/linguagem e discurso trabalhando diferentes temas, relacionando o olhar perante ao medo, mortalidade e isolamento e o social, a partir dos conceitos de metáfora e metonímia que significam os modos de dizer a Morte Vermelha. Assim, refletimos sobre como a literatura, permite situar-nos em condições que na realidade distanciamos e negamos, para poder seguir adiante em nosso cotidiano, pois pela literatura é possível pensar e refletir questões que nem sempre são fáceis de expor, de formular e, desse modo, significar.

Agradecimentos

Agradecemos a bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq e a Universidade Estadual de Goiás – UEG pelo apoio.

Referências

COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses.” In: COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-59.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal – História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. V. 3. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 253-340.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO – Revista de Eletrônica de Estudos do Discurso e do corpo**. Vitória da Conquista. V. 2. N. 1. P.77-82, 2013.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **Horror sobrenatural na literatura**. Trad. João Guilher Linke. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

POE, Edgar Allan. O baile da Morte Vermelha. In: POE, Edgar Allan. **Medo clássico**: coletânea inédita de contos do autor. Trad. Marcia Heloisa Amarante Gonçalves. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

RADDE, Auguste. Metáfora/Metonímia. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020.

